

## FRONTEIRAS TERRITORIAIS E CULTURAIS: ESTAMOS DO LADO DE CÁ E DO LADO DE LÁ NOS DIÁLOGOS PETIANOS

Um relato coletivo do PET Conexões de Saberes da Unila<sup>1</sup>

Foz do Iguaçu, maio e junho de 2017

O PET Conexões de Saberes da UNILA, em sua atividade 'Diálogos Petianos', traz à tona discussões e entendimentos sobre os conceitos de fronteiras territoriais e culturais. Permeados por uma extensa fronteira territorial entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai nossa universidade se encontra na fronteira, em Foz do Iguaçu, tematizada e reconhecida pela grande mídia como a Tríplice Fronteira, pelas Cataratas do Iguaçu – que atrai turistas do mundo todo-, pela Hidroelétrica da Itaipu ou pela massiva quantidade de pessoas que se deslocam de outras partes do país para consumir no Paraguai ou nos *freeshoppings* da Argentina. No meio, num *entrelugar* entre estes países, criou-se em 2010 a UNILA, que tem estudantes de vários países latino-americanos e brasileiros de diferentes regiões do país, que maioria das vezes nunca se relacionaram com um universo fronteiriço. Nosso encontro com este território particular, que vai muito além do reconhecimento da grande mídia, nos permite adentrar num universo amplo para identificarmos o que seria uma “cultura de fronteira” (HARTMANN, 2010), a partir de experiências empíricas e também teóricas. Por isso, nos nossos diálogos petianos organizamos um arcabouço teórico e relatos de experiências na qual nutrimos este ensaio como uma primeira reflexão do PET Conexões de Saberes frente aos conceitos de fronteira. Nos enveredamos entre os limites postos/impostos e as passagens possíveis. Relatamos, assim, um pouco das nossas inquietações que transbordam ao universo do relato pessoal sobre as fronteiras territoriais, da

---

<sup>1</sup> O Grupo PET Conexões de Saberes da Unila hoje é coordenado pela tutora Fran Rebelatto - Docente do Curso de Cinema e Audiovisual-, pelos estudantes de Antropologia e Diversidade Latino-Americana: Stephane Araújo, Isaac Moraes, Bruno Moll Nascimento, Marília Barbosa; pelas estudantes de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar, Ana Laura Delavalle e Idege Amaible; pelo estudante de Saúde Coletiva, Régis Lourdy; pela estudante de Cinema e Audiovisual Francieli Farias; pela estudante de LAMC, Dalila Prado; pelo estudante de História e Integração Latino-Americana, Pedro Iago; pelo estudante de Ciência Política e Sociologia, Caique Troille e pelo estudante de Serviço Social, Einer Cabarcas.

criação poética e da percepção política e/ou social.

### Nos entreveramos na fronteira

#### Tríplice

Fronteira, delimitação de mundos  
Proximidades que não se aproximam  
Proximidades que se misturam  
Proximidade  
Territorialidade  
Nacionalidade  
Delimitação de estado-nação  
Você é um daqueles que passarão  
Nós somos aqueles que ficarão  
Nacionalidade  
Entre cidade  
Desigualdade  
Minha língua é estranha?  
Nasci de pachamama  
Nasci de sua entranha  
Desigualdade  
Pluralidade  
Culturalidade  
O apagamento existencial  
De todo povo condenado  
Nossa opção é descolonial  
Exterioridade<sup>2</sup>  
(Dalila Prado, 2017)

Fronteira entre Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazu (Argentina) e Ciudad de Leste (Paraguay). Esta paisagem fronteiriça é cortada dos dois lados por rios, Rio Iguazu e Rio Paraná, que num dado momento também se encontram. Se tratam de fronteiras naturais, não impostas pela intervenção humana. Os marcos geodésicos postos no território não estão ali, se não que são sentidos pelo próprio rio, onde, o homem por sua vez, intervém na paisagem construindo pontes e outros subterfúgios de passagens.

Esta paisagem fronteiriça é preenchida pelo ir e vir de gentes de diferentes nacionalidades: árabes, chineses, brasileiros, paraguaios, argentinos, etc. Nesta paisagem escutamos o encontro das diferentes línguas: o espanhol, o

---

<sup>2</sup> Poesia escrita pela estudante petiana de LAMC, Dalila Prado Rodrigues Gonçalves

português, o guarani, o árabe, o yopara<sup>3</sup>, e segundo alguns escritores, esta mescla permite nos encontrarmos com o *portunhol selvagem*<sup>4</sup>. Esta língua que para muitos significa o “erro” ou a deficiência em falar bem uma das duas principais – o português ou espanhol –, para artistas da região da fronteira representa um campo fértil de imiscuição e de trocas. É o que diz a poesia de Fabian Severo, morador da fronteira entre Brasil e Uruguay

[...]

Todos nos semo da frontera  
como eses pásaros avuando de la pra qui  
cantando un idioma que todos intenden.

[...]

Nosotros semo la frontera  
más que cualquier río  
más que cualquier puente. (Fabian Severo)

Desde os versos do escritor doble-chapa<sup>5</sup> Fabian Severo, podemos reconhecer o ir e vir cotidiano de um território da fronteira, onde de fato este trânsito é constante e possível devido à proximidade territorial, a necessidade cotidiana de sobrevivência de muitas pessoas a partir do trabalho que está em um dos lados, ou a necessidade de se deslocar para estudar, consumir, etc. Importante perceber que sua poesia coloca o ‘sujeito fronteiriço’ como o centro, pois “*nosotros semo la frontera*”, muito mais do que rio (a fronteira natural) ou a ponte (a intervenção humana). E é por esta perspectiva que encaminhamos nossa aproximação ao território de fronteira, tendo nos sujeitos – nos seus trânsitos, nas dificuldades e/ou facilidades de passagem, nas escolhas diante do território –, o foco do nosso relato e de percurso de entendimento das culturas de fronteira. Reconhecendo a fronteira como um lugar de tensões, porque é lugar de contato, mais que isso, de sobreposição e de imiscuição.

### **Sobreposições, contatos e distanciamentos**

A atividade ‘Diálogos petianos’ se configura num espaço de estudos com base

---

<sup>3</sup> Mescla linguística entre o espanhol e o guarani, comumente falado nas ruas de Ciudad de Leste, no Paraguay.

<sup>4</sup> Diego Diegues é um escritor Brasiguai, que vive em Ponta Porã e que tem tematizado esta mescla linguística em suas poesias e manifestos. Em seus textos o guarani, o espanhol e o português são a base para a mistura linguística.

<sup>5</sup> Referência a um cidadão que tem as duas nacionalidades – Brasil e Uruguay –, costumeiramente reconhecidos nestes territórios.

em relatos e experiências da extensão, pesquisa e do ensino. Tratamos sempre de pensar bibliografias de diferentes áreas do conhecimento mas que tenham uma perspectiva teórica e/ou empírica sobre o conceito de fronteira territorial e cultural. Nossa intenção com este espaço é fortalecer e estimular os/as petianos/as em futuras pesquisas, mas também, na consciência do seu próprio lugar na fronteira territorial e nas várias fronteiras culturais postas/impostas no ambiente universitário e fora dele. Neste sentido, prezamos muito nos nossos encontros, pelos relatos de experiências de cada petiano/a a partir do seu percurso biográfico, ou seja, qual era seu conhecimento e relação com a fronteira anteriormente? E como hoje, inserido em um território de fronteira, em uma universidade bilíngue e com perspectiva da integração latino-americana, ele pode se confrontar com os pré-conceitos e com as novas descobertas e enfrentamentos do cotidiano fronteiriço?

#### **Percepções e entendimentos<sup>6</sup>**

Ela está presente mas não existe. Ela se impõe mas não com esse nome. Essa que é quase um verbo dá um sentido dinâmico a um pedaço de terra, um trecho de estrada, dois lados de um rio ou montanha. A fronteira delimita espaços e separa em unidades assim como o relógio controla e organiza o tempo. Controlar o tempo e o espaço é orientar o uso dos recursos todos. Mas para a fronteira fazer sentir-se é no cotidiano. A fronteira também é a aceitação de uma categoria imaginada. É uma imaginação coletiva que faz sentido na maneira das práticas que se dão no contato de duas diferenças que se situam em lados opostos da fronteira. Por isso a fronteira é espaço da expressão da diversidade cultural, porque é quando concepções da realidade que são mais ou menos distintas se encontram e se percebem ocupando um mesmo lugar.

Neste sentido, o conceito de fronteira pode transbordar para o além das territorialidades, e adentrar no universo das fronteiras da interdisciplinariedade, das fronteiras agrícolas, da fronteira urbana entre centro e periferia, das fronteiras dos diferentes percursos metodológicos. Colocamos a fronteira – territorial e cultural –, como um viés inicial, mas entendemos que a perspectiva

---

<sup>6</sup> Relato da estudante petiana do curso de Antropologia, Marília Barbosa.

sobre os fatores de integração, limites e permeabilidades é propício para outros objetos/sujeitos de pesquisa.

Falamos dos fatores de integração, ou dos nossos olhares sobre a possibilidade as permeabilidades do território, no entanto, é fundamental como aponta Machado (1998) entender que a fronteira também está permeada de limites, de controles dos fluxos e de imposição dos Estados-nação. Isso pode ser visto nos nossos relatos de experiências. Em um dos nossos encontros Idege Amaible, estudante Haitiana e petiana, relata sua frustração de não conseguir acompanhar sua turma do curso de Desenvolvimento Rural em estudo de campo no Paraguai e na Argentina. Problemas com seus documentos a impediram de se deslocar pelo território, que sim, tem sistemas de vigilâncias e de controles bem visíveis e impostos pelos diferentes Estados e que se acentuam ainda mais para imigrantes de outros países latino-americanos. A estudante haitiana, junto com seu colega imigrante Régis, também relatam o seu conhecimento acerca da fronteira entre Haiti e República Dominicana, que é perpassada por um histórico de disputas, de enfrentamentos e de dificuldades para os sujeitos imigrantes haitianos, especialmente, que na zona da fronteira, muitos se encontram sem o reconhecimento do governo dominicano. Os processos históricos de migração, de colonização e vinculados à extração da cana-de-açúcar deixam marcas até hoje nos cidadãos haitianos, alguns até já são dominicanos, mas ainda vivem as tensões entre os dois territórios.

#### **Fronteira Haiti e República Dominicana<sup>7</sup>**

[...] Dezenas de residentes na zona fronteira entre Jimaní e Malpasse, ao Oeste de Porto Príncipe que é a capital do Haiti cruzam a fronteira todos os dias. Aos ouvidos e olhares comuns a nível binacional parece que as nossas relações com a República Dominicana se baseia principalmente em atravessar todos os dias a fronteira a pé para comprar alimentos e medicamentos que são escassos no Haiti, por falta de produção. Mas será que esta situação pode melhorar nos pontos de fronteira do país, particularmente em Malpasse? Do

---

<sup>7</sup> Relato do estudante petiano e haitino de Saúde Coletiva, Regis Lourdy.

lado haitiano, ela piorou. A bola está no campo das autoridades que precisam criar bancos de desenvolvimento agrícola, a fim de impulsionar a economia rural da República lutando para fornecer respostas adequadas para a situação.

No mesmo encontro, Issac de Moraes<sup>8</sup>, estudante de Antropologia e morador de uma cidade de fronteira (entre Brasil e Uruguai) comenta e lê para os colegas a perspectiva histórica da fronteira em que ele nasceu:

#### **Fronteira Brasil e Uruguay**

Uma característica das fronteiras nacionais é o fato de terem sido marcadas, em sua maioria, por conflitos políticos. Nas fronteiras do Brasil com Uruguai, por exemplo se destacam os conflitos entre portugueses e espanhóis. Jaguarão e Rio Branco especificamente são cidades divididas pela ponte internacional Barão de Mauá, porém, antes disso tanto o lado brasileiro, quanto uruguaio, foram marcados por batalhas violentas e divergências políticas, no entanto, esses fatores não implicaram em uma divergência cultural posteriormente. Ao contrário, após esses eventos e com o aumento da população, a interação dos dois povos foi bastante significativa. Posso afirmar que ao longo do tempo se construiu uma identidade cultural única na fronteira e podemos analisar isso através das características culturais peculiares destes dois povos, especificamente, suas identidades, hábitos, costumes e linguagem.

Mesmo se tratando de universos de fronteiras entre países com perspectivas históricas, socioculturais e econômicas bem diferentes, percebemos que existem possibilidades de entendimentos que são comuns a estes espaços fronteiriços, especialmente no que tange os processos históricos, a construção de identidades comuns, o cruzamento linguístico e os contatos em diferentes níveis. Assim, saindo um pouco da noção geopolítica de fronteira entre dois países, podemos pensar no que seriam as fronteiras culturais e o reconhecimento da diferença, e neste sentido, buscamos nos dados biográficos de mais um estudante petiano mais esta problematização. Caique Troille, petiano de Ciência Política e Sociologia, nasceu no morro do Tetéu, em Santos

---

<sup>8</sup> Isaac terá como tema de seu Trabalho de Conclusão de curso a identidade cultural a partir de espaços de fronteira territorial.

e comenta nas reuniões que o mais lhe chama atenção no conceito de fronteira é o que define as diferenças entre nós e os outros. Ele nunca tinha vivido em um território de fronteira entre diferentes países, mas tem no seu entorno geográfico e social bem postas as fronteiras entre o “nós e os outros”, ou seja, “nós do morro” e os “outros do centro”. Ou seja, também ali entre centro e periferia das nossas cidades podemos encontrar os meandros de fronteiras construídas e alimentadas pelas práticas socioculturais, econômicas, mas que também se dão pelo reconhecimento geográfico.

### **Fronteiras tangíveis**

‘Diálogos petianos’ é um campo fértil de reflexão, criação e enfrentamento dos/as estudantes petianos/as frente ao universo particular da fronteira territorial, mas também de outras fronteiras culturais e sociais nas quais eles estão implicados/as no seu cotidiano e na sua histórica pregressa.

Nas mesas de almoço em uma fronteira ou nas mesas-redondas dos pensamentos acadêmicos, encontramos complementaridades e dissonâncias, ou seja, os mais diferentes contextos de vida. E por isso, nos interessa entender a fronteira a partir dos seus debates teóricos, mas também, a partir da perspectiva e das implicações das nossas vivências como ‘sujeitos de fronteira’,

Nessas andanças territoriais, teóricas e empíricas re-inventamos, re-significamos, reconhecemos e incorporamos paisagens, cores, nebulosidades, sonoridades. Abrimos as narinas, apertamos os olhos, dilatamos os ouvidos, sensibilizamos as mãos, corroemos os pés e salivamos a boca. E em tudo isso é possível reconhecer o encontro com o outro, partindo de uma experiência sensível, carnal e palpável. Também em tudo isso é possível reconhecer fronteiras. (REBELATTO, 2011, p. 10)

É por isso, que entendemos que a atividade ‘Diálogos petianos’ é um espaço de debate, de compartilhar relatos, de escritura e reflexão coletiva a partir de especificidades do território no qual estamos imersos, mas que podem extrapolar os campos de conhecimento e dar voz a outras interpretações, a

outros projetos de pesquisa/extensão e possibilitar que nos confrontemos com as nossas próprias fronteiras dentro e fora da universidade.

### **Referências Bibliográficas**

HARTMANN, Luciana. **Aqui nessa fronteira onde tu vê beira de linha tu vai ver cuento. Tradições orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai.** 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, Tânia Marques et al (Orgs.). **Fronteiras e espaço global.** Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998.

REBELATTO, Francieli. **Atravessando a linha, vivendo na ponte: marcos e marcas de uma cultura de fronteira à luz da fotoetnografia.** 2011. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.